

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UM PROGRAMA DE EXPERIMENTAÇÃO, SUPERAÇÃO E REFLEXÃO DA DICOTOMIA TEORIA E PRÁTICA

Nivaneide Lins de Moura¹
Lucélia Alves Pereira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva refletir sobre a relação entre teoria e prática no Programa da Residência Pedagógica, no subprojeto Letras/Língua Espanhola/UEPB/CCHE. As etapas de imersão e de intervenção foram realizadas na Escola João de Oliveira Chaves, localizada no município de Monteiro – PB. Como se sabem Residência Pedagógica (RP) tem o propósito de superar a tradicional distância entre a teoria e a prática na formação dos estudantes de licenciatura, prevendo uma ação compartilhada de formação entre a universidade, os estudantes em formação e as escolas públicas parceiras.

Nesse sentido, a RP é um projeto de fundamental importância no processo de formação inicial docente, por proporcionar ao aluno/residente vivenciar o que foi estudado na universidade a partir das inflexões da sala de aula, aproximando-o do cotidiano e da realidade escolar. Ainda que a formação na universidade seja de fundamental importância, ela, por si só, não é suficiente para formar e preparar o futuro docente para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se, então, a inserção do aluno na realidade do cotidiano escolar para ele aprender com a prática dos profissionais da docência (PIMENTA, 1995, p. 33), ao mesmo tempo em que se torna um docente, também.

A expectativa do programa é, quanto a isso, que esse período melhore a prática pedagógica do aluno/professor, visando à necessidade apontada no projeto de avanços na qualidade da educação brasileira em todos os âmbitos de formação. Portanto, a RP constitui-se em um importante instrumento de imersão, que possibilita a ampliação do conhecimento e a integração do discente de graduação na realidade social e econômica e no trabalho em sua

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, PB, nini.lins@outlook.com;

² Graduada no Curso de Licenciatura em Língua Espanhola pela Universidade Estadual da Paraíba, PB, preceptora do subprojeto de Residência Pedagógica/Língua Espanhola/UEPB/CCHE, lucp87937@gmail.com.

futura área profissional. É por meio dessa integração que o residente entende que o aprendizado não se baseia apenas em transmitir conhecimento, pois o conhecimento é uma construção e deve ser compartilhado, e também se compreende que se deve estar capacitado não apenas para ensinar, mas também para aprender cotidianamente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Neste artigo, discutimos a tensão entre teoria e prática à luz de teóricos como Pimenta (1995), Freire (1997) e Lima (2012), entre outros. Com base nesse referencial teórico, pretendemos desenvolver nossas análises partimos da convergência de que o conceito de práxis educativa contidos em “Educação” como prática educativa, fundada no diálogo, na reflexão e na humanização, a partir de uma práxis transformadora e libertadora que se concretiza na relação teoria e prática. Partindo também da fundamentação de que a formação docente é construída historicamente, antes e durante a trajetória da formação profissional.

Sendo assim, podemos dizer que essa formação depende essencialmente, das teorias, como das práticas desenvolvidas no cotidiano escolar, partindo da perspectiva de uma práxis educativa reflexiva. Por essa razão, é fundamental percebermos esta relação, como condição para a construção de saberes docentes transformadores e emancipatórios.

Na construção dos argumentos do tema deste estudo, foram utilizados procedimentos metodológicos que abrangem os princípios e técnicas da abordagem exploratória e bibliográfica. Para tanto, nos situamos no campo da formação inicial docente, com ênfase na relação teoria e prática, a partir da nossa vivência na Residência Pedagógica, com o propósito de construirmos um referencial consistente. Dessa forma, esperamos contribuir para uma análise mais elaborada acerca dessa dicotomia.

RP: VIVÊNCIA, SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA TEORIA VS. PRÁTICA

A compreensão da relação entre teoria e prática, conforme explicitada anteriormente, possibilitou estudos e pesquisas que têm iluminado perspectivas para uma nova concepção de estágio. Pimenta (1990) considera que a finalidade do estágio na escola é a de propiciar ao licenciando uma aproximação à realidade na qual atuará. Esse aprendizado se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso de graduação. Eles

defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão a partir da realidade que os graduandos vivenciam.

Por sua vez, podemos identificar a RP como um espaço voltado à prática, no contexto dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. É recorrente ouvir dos alunos que estão concluindo a graduação que sua formação foi “teórica”, que a profissão se aprende “na prática”, que “na prática a teoria é outra”. No cerne a essa afirmação, demonstra-se, no que se refere à formação de professores, que o curso, por vezes, não fundamenta a atuação do futuro profissional, nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, faz falta a junção da teoria e da prática educativa, tomadas não mais como elementos opostos.

A aproximação à realidade (ao cotidiano, à prática) só tem sentido quando tem conotação de envolvimento e de intencionalidade. Isso aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual da RP e das atividades que nela se realizam. Deste modo, se faz necessário que os professores orientadores procedam coletivamente junto aos seus alunos/residentes, para que haja a apropriação da realidade encontrada, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz das teorias que fundamentam a formação, em nosso caso, do profissional de Letras. É no contexto da ação que situamos a formação inicial docente, portanto, partindo do pressuposto de que o ensino e a aprendizagem tornam-se significativos quando construídos coletivamente. Também se nota, por esta perspectiva, que é pela mediação do professor que o conhecimento ganha vida, mas que o processo somente se torna consistente quando o aprendizado é proposto ao aluno de forma que este possa exercer sua criticidade, que possa modificá-lo conforme o que acredita e com base na sua realidade.

Vale salientar, pois, que a formação de professores é uma etapa da vida do sujeito que deve, então, qualificá-lo, de fato, para o ato de ensinar. A educação é válida quando transcende o ensino mecânico e se baseia em *aprender*, rompendo com a mera transmissão do conhecimento e buscando, através do ensino dialogado, proporcionar aprendizagens significativas aos discentes e à vida social. Desta forma:

Não nos tornamos professores da noite para o dia. Ao contrário, fomos constituindo essa identificação com a profissão docente no decorrer da vida, tanto pelos exemplos positivos, como pela negação de modelos. É nessa longa estrada que vamos constituindo maneiras de ser e estar no magistério (LIMA, 2012, p. 39).

Compreende-se, deste modo, que a formação do professor inicia-se desde a educação básica, pois é através das experiências vivenciadas ao longo de sua história de vida que ele vai constituir-se como um profissional competente. Para tanto, o professor em formação pode refletir sobre suas experiências anteriores, buscando se espelhar nas melhores vivências e experiências ou se distanciar daquelas que julga negativas, para construir práticas inovadoras e transformadoras. A relação entre teoria e prática vivenciada pelos discentes na universidade implica modos de compreender a profissão docente. Por essa razão, a reflexão é o ponto de compreensão do ensino e da aprendizagem para os docentes e os discentes. Desse modo, as ações realizadas pelos professores devem servir para o bem da coletividade, possibilitar a autonomia, a reconstrução e a criação de saberes. Afirma Lima:

O professor como sujeito que não reproduz apenas o conhecimento pode fazer do seu próprio trabalho de sala de aula um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na relação refletida e na redimensão de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade (LIMA, 2002, p. 169).

Nessa perspectiva, a reflexão é uma das práticas que deve mediar as relações em sala de aula, junto com a criticidade e a autonomia praticada pelo professor, visando à transformação dos seres humanos, da escola e da sociedade em que está inserido. Mas isso só será possível mediante a práxis educativa. Segundo Freire, a “educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo” (FREIRE, 1996. p.73). Paulo Freire trata, em vários de seus estudos, da questão da valorização da docência. O autor apresenta a beleza de ser professor numa perspectiva de sua própria prática:

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar (FREIRE, 1996. p.115).

Estar em contato com a realidade da sala de aula nos fez compreender que é possível ensinar e aprender através de novas práticas educativas. As palavras do autor são inspiradoras e nos falam que a beleza depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. Nesse sentido, a RP foi, para nós, professoras em formação inicial, uma oportunidade valiosa para concretizarmos o verdadeiro

sentido da nossa vocação. Sendo assim, queremos seguir na nossa formação docente, não só pela boniteza de um sonho ou da profissão, mas para cooperarmos para a construção de uma educação de qualidade e igualitária para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A RP é um período em que se busca vincular aspecto teórico com aspectos práticos, para que a junção entre a teoria e a prática aconteça de forma reflexiva e criativa, tornando-se a porta de entrada e de saída do processo autocriativo enraizado e alicerçado nas relações de interação e interdependência entre os indivíduos. A teoria e a prática são elementos interligados, interdependentes. Ambas são necessárias e se complementam através da práxis do professor reflexivo. Nesse sentido, a prática sem a teoria, desprovida da reflexão, se constitui em ação repetitiva e sem sentido, ou seja, a teoria sem prática transformadora se constitui num emaranhado de conteúdos vagos, descontextualizados para a realidade do discente/licenciando. Na sua amplitude, a categoria da práxis revela o homem como “ser criativo e autoprodutivo: ser da práxis, o homem é produto e criação da sua autoatividade, ele é o que (se) fez e (se) faz” (NETTO; BRAZ, 2010, p. 44).

A RP é, nesse sentido, um dos mais relevantes programas de apoio à formação docente, ao permitir que nós, professores em formação inicial, possamos ter contato com o universo escolar, a sala de aula e, ao mesmo tempo, tenhamos acompanhamento crítico nessa etapa, mediado pela reflexão e pelo diálogo com orientadores e preceptores.

Em suma, o processo de formação pessoal, social e profissional se dá ao longo da vida. Por isso, necessitamos nos experimentar nesses espaços sociais e educativos, na busca da autoformação, que é a busca do significado de quem somos e para onde queremos ir. A RP colabora para esse processo. Assim sendo, autoformar-se é constituir sentido aos afazeres cotidianos, às aprendizagens, às experiências e aos conhecimentos adquiridos através de uma práxis transformadora e libertadora. Esse período de aprendizagem profissional e humano que tivemos via RP constitui-se, de certo modo, numa porta de entrada ao caminho do “Ser professor”. Por meio dela, compreendemos a importância do “caminhar para si e para o outro” na formação docente e na prática docente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **O lugar das práticas pedagógicas na formação inicial de professores.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente.** Brasília: Líder Livro, 2012.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática.** 2. edição. São Paulo: Cortez, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.